

A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar

Carlos Henrique dos Santos Martins*

Paulo Cesar Rodrigues Carrano**

Resumo

Diversas manifestações culturais presentes na cidade – e com baixa visibilidade no espaço escolar – têm os jovens como atores principais. Os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são elaboradas. A cultura se manifesta como espaço social privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas. O artigo apresenta e discute processos sociais e culturais contemporâneos produtores das denominadas culturas juvenis e procura chamar a atenção para o necessário reconhecimento desses processos pela escola. Os grupos culturais juvenis são decisivos na socialização dos jovens que frequentam a escola de Ensino Médio que, além de alunos, são, também, sujeitos de outros espaços e tempos culturais da cidade.

Palavras-chave: Juventude; Culturas juvenis; Ensino Médio.

The school and youth cultures: from recognition to dialogue

Abstract

Many cultural events that happen in the city - with little visibility in the school - have young people as their main participants. Young people create their own spaces of socialization which become culturally expressive territories where different identities develop. Culture manifests itself as a privileged space of social practices, representations, symbols and rituals. The production of identities not only demarcates areas of social and collective practices but brings into play the common interests that gives meaning to "being together" and being part of a group. Spaces of autonomy are outlined in juvenile cultural territories. These

* Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense(UFF). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF; Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – UnED Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

** Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Pós-doutor em Educação na Universidade de São Paulo; Pós-doutor em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Professor da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF; Coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF; Bolsista produtividade do CNPq – nível 2. Rio de Janeiro, Brasil.

spaces conquered by young people allow them to turn those same environments redefining them from their own specific practices. The article presents and discusses contemporary social and cultural processes that produce the so-called youth culture and intends to draw attention to the necessary recognition of these processes by the school. Youth cultural groups are crucial for the socialization of high school students who, as well as being students, are also subjects in other cultural spaces and temp's of the city.

Keywords: Youth; Youth culture; Secondary Education.

Os jovens possuem um significativo campo de autonomia perante as instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma via de mão dupla entre aquilo que herdamos e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. Há, contudo, riscos e incertezas provocados por um processo de globalização marcado pela desigualdade de oportunidades e pela fragilização dos vínculos institucionais. Para Leccardi (2005), a velocidade contemporânea tem consequências marcantes, não só para a vida das instituições, mas também para as biografias que são forçadas a uma contínua mistura.

Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas diz respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais. O peso da tradição encontra-se diluído e os caminhos a seguir são mais incertos. Os jovens fazem seus trânsitos para a vida adulta no contexto de sociedades produtoras de riscos – muitos deles experimentados de forma inédita, tal como o da ameaça ambiental e do tráfico de drogas –, mas também experimentam processos societários com maiores campos de possibilidades para a realização de apostas diante do futuro. A escola,¹ em especial a de Ensino Médio, constitui-se em instituição privilegiada de promoção de suportes para que os jovens elaborem seus projetos pessoais e profissionais para a vida adulta (CARRANO, 2011).

Diversas manifestações culturais presentes na cidade – e com baixa visibilidade no espaço escolar – têm os jovens como atores principais. Os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são elaboradas. A cultura se manifesta como espaço social privilegiado de práticas, representa-

ções, símbolos e rituais. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas. Esse mesmo processo pode ser observado nas instituições escolares de Ensino Médio por se constituírem em espaços eminentemente juvenis.

Sposito (1999, p. 7) observa a acentuada importância que a cultura apresenta como campo de possibilidades “de práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais”. Afirma, ainda, que há “uma inquestionável motivação dos jovens em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política” (1999, p. 7). A música – elemento importante da cultura juvenil – apresenta-se, assim, como aglutinadora de sociabilidades e, por isso, permitiria aos jovens a possibilidade de participação e atuação efetiva nas questões relacionadas com a sua comunidade e como interlocutora com determinados setores da sociedade civil.

Marilia Sposito lembra ainda que é preciso admitir a existência de significativa diversidade de práticas coletivas entre os jovens, ainda pouco visíveis e escassamente investigadas. Esse espaço de pouca visibilidade social surge como objeto de interesse e estudo das formas de participação, pois é nele que se articula a presença dos jovens nos espaços urbanos e escolares com as marcas e expressões culturais específicas dos grupos juvenis. A cidade fica marcada pela multiplicidade de territórios de expressão da *hibridização*² das culturas. A mesma funciona, assim, como centro de difusão cultural enquanto os diferentes espaços urbanos tornam-se arenas de conflitos e reinterpretação dessas mesmas culturas. Por sua vez, a escola conta com mecanismos de silenciamento que promovem a invisibilidade das práticas que não se encaixam nos cotidianos escolares institucionalizados e pouco abertos para as expressividades das culturas juvenis. Nesse contexto, o jovem é homogeneizado na condição de aluno que necessita responder positivamente aos padrões do “ser estudante” que a instituição almeja.

Ao mesmo tempo em que a cidade interfere nas manifestações culturais urbanas, os diversos grupos sociais, ao incorporar os traços significativos dessas manifestações, interagem, interpretam, recriam à sua maneira e voltam a influenciar a cidade através da multiplicidade de novos olhares. A cultura popular urbana pode, então, ser vista como a síntese instável desse movimento incessante entre a cidade, o urbano e os grupos sociais, onde cada um se reconhece ora como sujeito ora como objeto de transformação sociocultural. É o movimento marcado pela diversidade de culturas que expressam os muitos grupos que compõem a teia social. Nesse contexto, compreendemos a cultura como um conjunto de contribuições, trocas simbólicas (muitas vezes

conflituosas) e resistências ativas em que cada grupo se faz presente. A cultura dá lugar às culturas e essas efetivamente se hibridizam no entrelaçamento dos múltiplos sujeitos que se organizam socialmente.

Para Ortiz (2000, p. 45), esse movimento de rearticulação do tecido social é possível graças ao advento da modernidade que se caracteriza, dentre outros aspectos, por novos modos de ser e viver e pelo surgimento de processos tecnológicos resultantes da revolução industrial. Segundo ele, “a modernidade se materializa na técnica”, ou ainda, “a técnica propicia a sua realização”. Como consequência desse intenso movimento formam-se processos de hibridização cultural. Estes, por sua vez, constituem-se pela utilização de elementos provenientes das diversas classes e diferentes lugares, numa relação ativa de interpenetração de culturas e sujeitos que acaba por gerar ou realizar novos processos e movimentos sociais que recriam culturas próprias. Desse modo, é reconfigurado o tecido urbano como conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre as outras regiões, o que nos permite observar traços e características que se interpenetram. Nestor Canclini (2000) considera que a discussão das intercomunicações culturais presentes na modernidade não cabe mais na polaridade entre o culto e o popular, entre o campo e a metrópole, mas na diversidade de fatores que atuam concomitantemente. Observa-se que tanto a cidade quanto a escola constituem locais das culturas entrecruzadas, apresentam-se como espaços híbridos não só pela presença dos vários grupos, mas também pelas expressões e mesclas culturais de espaços urbanos carregados de contradições e que se expressam no espaço escolar. Apesar de estarem presentes no mesmo espaço, não há garantia de democratização de direitos a expressões culturais de forma igual para todos, notadamente, os grupos juvenis. Embora o acesso aos novos meios tecnológicos se tenha expandido significativamente nos últimos anos, este não ocorreu de modo a possibilitar o amplo domínio das diversas linguagens comunicacionais disponíveis.

Dentro das transformações provocadas pela mundialização da cultura por meio das indústrias culturais, podemos destacar a grande preocupação no monitoramento das culturas juvenis como possibilidade de mercantilização de seus referenciais simbólicos. Mito endeusado pela mídia que se aproveita de seus referenciais para produtivizá-los com finalidades mercantis, a juventude depara-se com a fragmentação dos seus símbolos culturais prontos para o consumo. Nessa perspectiva, Beatriz Sarlo (2000, p. 39) afirma que “a juventude não é uma idade mas uma estética da vida cotidiana”. A autora discute a juventude a partir da lógica do consumo, na qual o mercado também a transforma em produto, em objeto de desejo das classes consumidoras. Sendo assim, o mito da eterna juventude é mais uma vez ressuscitado, valorizando o ser jovem apenas nos seus aspectos estéticos e corpóreos. Esses atributos e valores são comercializados a partir da multiplicação das mercadorias que permitem a todos entrar no universo da juventude e da beleza. No fetiche da juventude eterna apoia-se o fetiche da mercadoria e do consumo eterno. Porém, a autora lembra

A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar

que “os jovens expulsam desse território os impostores, que não cumprem as condições da idade e entram numa guerra geracional banalizada pela cosmética, a eternidade quinquenal das cirurgias estéticas e terapias *new age*” (SARLO, 2000, p. 39).

Para Reguillo Cruz, a juventude expressando sujeitos de direito e de consumo é uma invenção do pós-guerra. Para a efetivação dessa composição, para a construção de sentido e especificidade do mundo juvenil, podemos considerar que a realização tecnológica e suas repercussões na organização produtiva e simbólica da sociedade, a oferta e o consumo cultural e o discurso jurídico constituem três elementos fundamentais que superam o conceito baseado apenas em questões biológicas específicas desse período da vida (CRUZ, 2000, p. 2).

Esses três elementos, isoladamente ou combinados entre si, também resultam em múltiplas visibilidades da condição juvenil. As formas desiguais de inserção social e acesso aos bens culturais em função das diferentes realidades econômicas e políticas vão configurar os muitos modos de ser jovem. Para exemplificar: a oferta e o consumo cultural apresentam-se de maneiras diversas. Os referenciais simbólicos específicos da juventude são sistematicamente potencializados pela indústria cultural para, ao direcionar o consumo, reconstruir e reconfigurar de forma contínua o sujeito juvenil. Este, por sua vez, identifica-se no grupo e com o grupo pela quantidade e qualidade dos signos específicos relacionados ao poder e a posse dos objetos emblemáticos que, por sua vez, funcionam como passaporte para a entrada em determinado grupo. A autorização para o acesso ou mesmo para a constituição de grupos identitários não se limita aos referenciais estabelecidos pela indústria como sendo específicos dos jovens. Porém, esses funcionam como mediadores para o encontro dos iguais que se diferenciam dos outros. Cada grupo juvenil possui, assim, marcas visíveis que o caracteriza e unifica, mas que o diferencia de outras marcas identitárias juvenis.

A cidade como arena cultural

Os espaços da cidade são praticados por diversos grupos juvenis que têm como uma de suas características a perda do contato com um território específico e próprio a ser defendido. À desterritorialização das culturas juvenis segue-se a multiplicidade de espaços urbanos. As muitas cidades presentes na cidade podem modificar-se por novas identidades que constituem-se na temporalidade do nomadismo urbano das juventudes. O território como referencial de expressão de determinada cultura juvenil torna-se instável, é constantemente substituído por diferentes expressões que encontram na indústria cultural a possibilidade de difusão e apreensão das suas linguagens e identificação por parte dos jovens e da sociedade juvenilizada. À ideia de massificação e homogeneização das culturas juvenis patrocinada pelo consumo resultante da difusão de produtos e símbolos podemos contrapor a possibilidade de permitir

maior visibilidade e inter-relacionamento das manifestações culturais urbanas das juventudes. Assim, a mudança do simbólico na constituição das identidades juvenis passa certamente por novos signos e significados presentes na universalidade produzida pelos meios tecnológicos que intermedeiam a sociedade mundializada.

Nesse espaço – a cidade – a dinâmica social está pontuada também pela efetivação de uma cultura-mundo que tem como centralidade o consumo universalizado. Este certamente repercute nos modos de vida e de socialização juvenis e transforma-se, desse modo, em um possível referencial de análise da juventude através da relação entre bens culturais e a negociação/tensão com os significados sociais. O consumo está, então, posto como possibilidade de identificação/diferenciação social.

A cultura internacional juvenil popular centrada na globalização do consumo é apropriada de diferentes maneiras pelos jovens, em função principalmente das desigualdades econômicas e socioculturais de cada grupo. Além disso, o caráter local, específico do espaço geográfico, parece assegurar as diferentes apropriações daquilo que se propõe a se tornar universal. A mundialização pensada como uma ameaça homogeneizadora das culturas não se completa na particularidade do local que insiste em garantir a heterogeneidade dos significados culturais. O consumo está globalizado. As formas de consumir e de se apropriar são, contudo, localizadas. As culturas juvenis, resultantes de um conjunto de “práticas arraigadas no âmbito local que se alimentam incessantemente de elementos da cultura globalizada”, estão, desse modo, baseadas no consumo de bens materiais e simbólicos que permitem observar as ligações entre o local e o global e as maneiras que as culturas se inter-relacionam e interagem naquele espaço (CRUZ, 2000, p. 11).

Para Machado Pais (1993), a discussão a respeito das culturas juvenis passa, necessariamente, pela diversidade das culturas próprias desse segmento social. Essa variedade caracteriza-se não só pelas expressões específicas de cada grupo, mas também através dos diferentes olhares que traduzem distintas formas de dizer tais culturas. Além disso, existe o fato de que as mesmas se afirmam na necessidade de contraporem-se à existência de culturas não juvenis que parecem querer interditar os espaços de expressão para os jovens. Geralmente essas são as culturas instituídas ou preservadas por instituições de poder.

Sendo assim, é importante pensar em como cada grupo se apropria das possibilidades restritas de acesso aos meios massivos para expressar sua cultura, sua voz e transformá-las em presença. A cultura urbana será configurada de acordo com as diferentes maneiras de que os grupos se utilizarão para unir “seus próprios instrumentos culturais, os da cultura letrada e os dos meios de comunicação” (SARLO, 2000, p. 109). Ou ainda, como cada grupo produz e veicula o cultural que o traduz como sua “marca registrada”. Para a autora, no

mercado simbólico, todas as desigualdades ficam acentuadas: “a desigualdade no acesso à educação escolar, a desigualdade nas possibilidades de escolha dentro da oferta audiovisual, a e desigualdade de formação cultural original” (2000, p. 120). Todas essas desigualdades devem ser olhadas com muita atenção pelo poder público, caso esta queira efetivamente se comprometer com mudanças sociais e econômicas que incluam as classes populares. É preciso considerar que as classes populares

dispõem de uma quantidade menor de bens materiais e simbólicos, estão em condições de usufruto cultural piores e têm menores possibilidades de praticar escolhas não direcionadas pela pobreza ou pela escassez de recursos materiais e elementos intelectuais. (SARLO, 2000, p. 121)

Nesse contexto é que observamos a variedade de formas de expressão e comunicação presentes na cidade e, por conseguinte, na escola. Essas são formas que, embora pareçam pertinentes a determinados grupos, estão impregnadas de características que muitas vezes tornam-se gerais. Aquilo que parece ser comum a determinado grupo é, na verdade, presença do híbrido. As marcas simbólicas traduzidas pelos grafites, pelos grupos de estilos,³ gostos musicais e *performances coreográficas* podem servir de exemplos de expressão das identidades que não devem ser mais reduzidas à simples condição de lazer descomprometido e/ou alienado. É preciso olhar com muito cuidado se quisermos conhecer os sujeitos que dão conformidade ao urbano e, por conseguinte, entender como esses se constituem num cenário onde as culturas se manifestam para além do culto e do popular. Esse cenário está preponderantemente construído nas ruas da cidade. Essa nova dimensão cultural permite a abertura de diferentes espaços de contestação, já que amplia as ações e aponta novos caminhos “rumo a práticas populares, práticas cotidianas, narrativas locais” (HALL, 2003, p. 337). Ao ganhar visibilidade e constituírem-se em espaços de contestação, as diversas expressões culturais resultantes do eco das vozes marginalizadas começam a granjear espaços e alterar o quadro da cultura dominante. No caso do Brasil podemos pensar, por exemplo, nas periferias das grandes cidades e nas várias escolas ali existentes. A conquista desses espaços deve-se, dentre outros aspectos, à alta produtividade de tais culturas, mas isso certamente não seria suficiente para que houvesse concessões por parte das elites culturais e dos meios de comunicação. Apesar de em alguns países tais espaços terem surgido em decorrência de políticas públicas que privilegiaram as diferenças, podemos crer que isso não se aplica ao caso brasileiro. No Brasil, na ausência de políticas culturais consistentes para os jovens, a conquista desses espaços vem ocorrendo pela pressão crescente de vários grupos sociais constituídos por novos sujeitos, em especial os coletivos juvenis, e a conseqüente construção de novas identidades no interior das diferenças. Nesse sentido, observa-se que a escola, ainda que de maneira um tanto tímida, tem se constituído em um espaço que vai sendo conquistado pelas práticas culturais juvenis.

Juventude como categoria sociológica

As diversas possibilidades oferecidas pela literatura para o conceito de juventude não nos instiga à construção de um conceito próprio, mas ao esforço de tentar estabelecer uma relação entre algumas considerações que trazem consigo a diversidade que o constitui e a percepção do lugar que o jovem de classes populares ocupa nesse universo. A diversidade conceitual será consequência de determinadas condições sociais e de diferentes representações produzidas para e pelos jovens. Isso porque é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento. Existe uma tendência em nomear a juventude a partir de um modelo que usa como referência determinadas representações sociais que veem o jovem segundo a perspectiva de um ser em construção cujos elementos constitutivos são dados de acordo com os valores ideais das classes média e alta (CARRANO; DAYRELL, 2003, p. 2).

Sendo assim, qualquer outra possibilidade de expressão juvenil corre o risco de ser classificada como inadaptação aos padrões sociais determinantes para o conjunto dos sujeitos aprisionados em uma determinada faixa etária. Porém, sabemos que esses limites de idade são imprecisos e podem ser alterados de acordo não só com as “multiplicidades de situações sociais onde essa etapa da vida se desenvolve” como também por aspectos de interesse econômico, político e cultural (MARGULIS, 2000, p. 13). Além disso, a mera categorização da juventude a partir da idade pode ser superada pela análise de sua inserção em diferentes categorias sociais, sendo ela própria uma *categoria social* (SPOSITO, 1999).

A juventude, categoria sociológica, é frequentemente associada à possibilidade de inovação e construção de um futuro renovado, onde os problemas pelos quais estaríamos passando seriam equacionados pelos jovens-futuros-adultos (CARRANO, 2003, p. 131). De um modo geral, pensamos o jovem como a possibilidade de um futuro melhor, mas não constituímos as oportunidades de a juventude se reconhecer como tal potencialidade concreta de mudança no tempo presente. Conceituada pelo senso comum, pela escola ou pela mídia como uma construção sociológica dotada de características homogêneas, a juventude surge como portadora de uma cultura socialmente definida. Além de ser pensada como uma fase problemática da vida, na qual a unidade dos indivíduos caracterizaria uma cultura juvenil específica, os jovens são muitas vezes vistos como meros receptores passivos da cultura dominante. Os meios massivos, ao exercerem papel preponderante para a construção da cultura do consumo e própria da sociedade moderna, teriam também o poder de modelar os sujeitos jovens.

A oposição a essa perspectiva não nega a diversidade de sociabilidades nas quais a mesma parece estar inserida, uma vez que ela surge “socialmente dividida em função de seus interesses, das suas origens sociais, das

suas perspectivas e aspirações” (PAIS, 1993, p. 33). Reinterpretada a partir de outros referenciais, visto que juntamente com a sociedade e os problemas sociais pelos quais ambas vêm atravessando, a juventude parece se transformar pelo fato de estar constantemente exposta de forma vulnerável aos conflitos e mudanças nas relações sociais. Desse modo, não podemos mais compreender a juventude como categoria de conceituação fechada, mas temos que buscar outras concepções que permitam considerá-la não só na sua diversidade, assim como nas formas desiguais de acesso e apropriação dos bens materiais e simbólicos. Pais (1990) alerta para as diferenças existentes entre a juventude como problema social e a definição da mesma enquanto problema de análise sociológica. Os estudos de feitiço sociológico tendem a privilegiar os seus aspectos negativos, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. A sociologia ora investe nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentua a dimensão negativa dos “problemas sociais” e do desvio. A persistência em falar da juventude pelo viés da transição e da crise é uma das características desta maneira de enxergá-la como problema social ou psicológico e não como problema de pesquisa. Nesse sentido, acreditamos na viabilidade de entender a juventude a partir dos sujeitos que a constituem. Como os jovens enxergam a sociedade, quais seus valores e o significado que os mesmos representam para a construção de suas identidades? Os problemas que a sociedade coloca como sendo peculiares aos jovens não são necessariamente reconhecidos por eles como sendo específicos ou próprios de sua geração.

Machado Pais (1993) indica que a juventude possui duas tendências de análise. Uma delas está relacionada a uma fase da vida, de caráter transitório que parece responder de maneira uniforme e homogênea às questões que se apresentam para a sociedade. É o sujeito que será sem nunca ter sido. Corresponde a um período de preparação, de gestação do ser adulto, por onde todos deverão necessariamente passar para ter direito a uma *nova vida* – o mundo adulto. Desse modo, pode-se crer que a juventude seria o mais longo *rito de passagem* que o homem estaria destinado a vivenciar. A outra possibilidade está relacionada ao fato de que cada grupo juvenil pode ser constituído a partir das diferentes realidades sociais nas quais estão submetidos. O desenho de cada cultura juvenil poderá ter não só o contorno como também as cores determinadas pelas questões de classe, relações de poder, diferentes inserções sociais, econômicas, políticas e culturais assim como pelos interesses específicos de cada grupo. Essas questões estão postas no espaço escolar e precisam ser enfrentadas para que o jovem torne-se sujeito no processo educacional e sinta-se como parte importante nesse contexto. Para isso, tornam-se necessários mecanismos que garantam maior visibilidade às culturas juvenis e que se instaurem processos para o diálogo entre as lógicas diferenciais da escola e das identidades coletivas juvenis.

Além desses aspectos, Pais acrescenta que outros fatores podem influenciar de diferentes modos na constituição desses grupos. Alguns podem

ser próprios da fase da vida, outros podem estar relacionados à transição da memória no convívio com as gerações precedentes. Às diversas configurações de fatores formadores dos vários grupos sociais, aos arranjos possíveis e diferenciados na construção dos conceitos, o autor chamará “paradoxos da juventude”, o que parece indicar a complexidade e a dificuldade de compreender a juventude a partir de uma formulação conceitual unitária, simplificada e homogênea. Algumas características podem ser gerais aos jovens, mas podem não ser específicas dos mesmos. Em suma, podemos pensar a juventude a partir da unidade (fase da vida) ou através da diversidade (onde estão em jogo diferentes atributos sociais que permitem a distinção dos jovens entre si).

Os problemas sociais advindos, em grande parte, pela dificuldade de entrada dos jovens no mundo do trabalho (reforçada pela crise do desemprego) não possibilitam aos mesmos a construção de um espaço social próprio. A negação desse espaço, ou melhor, a inviabilidade de concretização desse lugar, traz como consequência a impossibilidade de construção do mundo a partir dos valores que a juventude considera como sendo seus. Se o mundo que ora se apresenta está estruturado segundo os valores e a lógica “do mundo dos adultos”, onde os jovens não se efetivam como membros, ele parece contribuir para o conflito geracional, sobre o qual esses respondem com atitudes e ações que são classificadas como próprias da *marginalidade* e *delinquência* juvenis. Do mesmo modo, a invisibilidade imputada pela escola aos jovens ao traduzi-los apenas à condição de alunos contribui para adjetivá-los negativamente sempre que expressem suas identidades através de marcadores culturais próprios desse período da vida.

As marcas conceituais carregadas pela construção sociológica da juventude podem ser reforçadas de acordo com o lugar de onde se fala. Para o próprio indivíduo, determinadas características podem ser próprias dos jovens em função da frequência com que são observadas nesses grupos independente das relações que possam caracterizá-los em diferentes sociedades. Outra possibilidade é observar determinadas características transformadas em “problemas” específicos da juventude, para os quais seriam necessárias algumas medidas a fim de solucioná-los. Assim, é possível observarmos como os pais e a própria instituição escolar tendem a agir, com frequência, de forma autoritária e repressora, para *proteger* os jovens. Essas “boas intenções”, muitas vezes, não só não resolvem os problemas como tendem a acirrá-los. Além disso, determinadas atitudes parecem reforçar os distanciamentos intergeracionais justificando a maneira de os jovens olharem os poderes constituídos com certa desconfiança e descrédito, assim como possibilitam o surgimento de novos problemas e conflitos que teriam suas raízes no fato de os jovens quase nunca serem consultados a respeito das soluções para os supostos problemas que eles quase nunca reconhecem como sendo seus.

O que se procura padronizar como sendo a principal característica da juventude – a rebeldia – pode ser explicada como uma forma de assumir alguma

A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar

postura diante da cultura dominante, no caso, a dos adultos e, porque não dizer, a escolar. Assim como os jovens cujas “ações coletivas podem ser um espaço potencial de constituição de pautas de significados alternativos às interpretações dominantes” (CARRANO; DAYRELL, 2002, p. 15), todas as culturas contra-hegemônicas buscam estratégias de legitimação que, na maioria das vezes, configuram-se à margem do que está posto enquanto o instituído. É provável que a maior visibilidade provocada pelas formas de expressões juvenis que são marcadas por resistência e provocação, assegure-lhes essa adjetivação que na verdade é própria de todos aqueles que estejam em oposição e lutam por mudanças. A diferença pode estar entre a racionalidade que acompanha as ações adultas e a emotividade que é peculiar aos jovens em suas atitudes (não queremos dizer que estas estejam desprovidas de uma racionalidade própria). Podemos pensar, ainda, no caráter imediatista e concreto que acompanham as ações desses últimos visto que “os coletivos juvenis mostram ser democráticos, comprometidos vitalmente e com uma assombrosa capacidade de combinar criativamente grandes ideais com ações pragmáticas e simbolicamente eficazes, que outros coletivos” (ABAD, 2002, p. 72).

As diferentes inserções sociais dos vários grupos juvenis levam-nos a refletir a respeito de múltiplas possibilidades de entender o jovem no contexto da sociedade capitalista, de ordem neoliberal, em que o individualismo e a acentuação da exclusão social parecem ser algumas de suas marcas. Os jovens ou grupo de jovens estão inseridos em realidades não homogêneas, ou seja, onde questões como inclusão/exclusão, poder aquisitivo, inserção cultural e social como sujeito de direitos/não direitos, condições de saúde, moradia, trabalho, escolarização, segurança, gênero, irão influenciar sobremaneira na construção de identidades plurais.

A busca de outras possibilidades de serem sujeitos de seus destinos pode, por isso mesmo, estar manifestada na diversidade cultural juvenil que possibilita a eles protagonizarem as suas relações sociais e culturais. As culturas juvenis podem ser resultado de formas específicas a cada grupo de resistir, de responder aos padrões sociais excludentes (desses mesmos grupos), como forma de expressar suas identidades, de chamar a atenção para seus problemas, suas necessidades. Podem, também, ser resultado de relações intergeracionais que em contexto de reprodução social dão continuidade às culturas de gerações precedentes. Essa reprodução deve ser entendida, nesse caso, “não como uma repetição das estruturas sociais, mas de um processo em que as estruturas sociais se reproduzem, porém, transformando-se” (CANCLINI, 1995, p. 66).

Conclusão

Os diferentes valores surgidos como consequência das mudanças estruturais nas relações sociais contemporâneas parecem entrar em choque com os valores tradicionalmente disseminados por instituições da sociedade,

em especial a família e a escola. Estas, assim como outras, não se dão conta que as expectativas dos jovens com relação à vida e ao futuro não são mais as mesmas que aqueles que os seus principais representantes – os pais e professores – acreditam ser importantes para a participação em sociedade. Torna-se necessário, então, levar em conta diferentes formas de oferecer aos jovens as possibilidades de compartilhar contextos que dialoguem com suas expectativas e interesses. Muito além de uma fase de transição, a juventude deve ser encarada com um período de construção e experimentação de possibilidades identitárias. A instituição escolar e seus professores podem abrir campos ao entendimento adotando a investigação e a escuta como ferramentas para a compreensão das identidades e comportamentos de seus jovens alunos e de suas jovens alunas que são simultaneamente criadores e criaturas da diversidade das culturas dos grupos juvenis presentes na sociedade urbana. As culturas juvenis que se apresentam em constante ebulição nos diferentes espaços escolares podem oferecer referenciais empíricos para o entendimento da juventude enquanto categoria analítica. Podem contribuir também para transformar a escola em espaço-tempo em que o jovem reconheça como seu. Estar atento e disponível para reconhecer que as culturas juvenis não se encontram subordinadas às relações de dominação ou resistência impostas pelas culturas das gerações mais velhas pode auxiliar a construção de projetos pedagógicos e processos culturais que aproximem professores e alunos. Através da elaboração de linguagens em comum, a escola pode recuperar seu prestígio entre os jovens, bem como o prazer deles estarem em um lugar que podem chamar de seu na medida em que são reconhecidos como sujeitos produtores de cultura.

Referências

ABAD, M.; Posibilidades y Limitaciones de la Participación Juvenil Para el Impacto em la Agenda Publica: El Caso Del Consejo Municipal de Juventud em Medellín. Viña Del Mar: **Ultima década** n. 17, CDIPA, 2002, Septiembre, p. 65-94.

_____. Las Políticas de Juventud Desde la Perspectiva de la Relacion Entre Convivencia, Ciudadania y nueva Condicion Juvenil. Viña Del Mar: **Ultima década** n. 16, CIDPA, 2002, Marzo, 2002, p. 119-155.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. **Ideologia, cultura y poder**. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones del C.B.C, 1995.

CARRANO, P. C. R. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A.; PERES, S. O.; BRAGA, C. N.; CARDOSO, M. L. M. (Orgs.). **Juventude e iniciação científica**: políticas públicas para o ensino médio. 1. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2011, v. , p. 34-49.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, Vozes, 2003.

CARRANO, P. C. R; DAYRELL, J. Jóvenes de Brasil: dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente. *Jovenes: Revista de Estudios Sobre Juventud*, México, Df, v. 1, n. 17, p. 160-203, 01 jul. 2003.

CRUZ, R. R. **Las culturas juveniles – um campo de estúdio; breve agenda para la discusión**, 2000, *Mimeo*.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. (Org.). SOVIK, L. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003.

LECCARDI, C. Facing uncertainty - Temporality and biographies in the new century. *Nordic Journal of Youth Research*, London, Vol 13(2): 123–146, 2005.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 13-30.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

_____. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, vol. XXV, n. 105-106, 1990, p. 139-165.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SPOSITO, M. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Trabalho apresentado na **XXII Reunião Anual da ANPEd**, setembro de 1999, *Mimeo*.

Notas

- ¹ No decorrer deste texto, sempre que houver referência à escola, subentende-se ser a de Ensino Médio que é objeto deste artigo.
- ² Canclini (2000, p. 19) compreende hibridização como resultado de diversas mesclas interculturais que abrange termos usualmente empregados, tais com mestiçagem e sincretismo. Segundo ele, esse termo "permite incluir as formas modernas de hibridação e supera as referências feitas geralmente a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais".
- ³ Vale ressaltar que esse é um aspecto frequentemente valorizado pelos estudos sobre juventude e suas culturas cuja ênfase é dada aos grupos – muitas vezes enxergados apenas em sua expressividade estética de grupo de estilo – em detrimento aos sujeitos e suas trajetórias biográficas. A categoria "tribos juvenis" tem servido a este fechamento de campo e deixa de perceber tanto as identidades múltiplas quanto as redes de relacionamento que os grupos estabelecem no tempo e no espaço.

Carlos Henrique dos S. Martins – Paulo Cesar R. Carrano

Correspondência

Carlos Henrique dos Santos Martins – Rua Rua Bernardo Taveira, 165/203 – Vila da Penha
– Rio de Janeiro, CEP: 21220-290.

E-mail: chlobo@oi.com.br – pc.carrano@gmail.com

Recebido em 27 de novembro de 2010

Aprovado em 07 de fevereiro de 2011